

Super-Herói Valor

Estórias que ensinam valores e bons hábitos
dos 5 aos 50 anos e prática de leitura

Marie Manhães Messe

Família força inteligência sociabilização comunicação
honra tolerância amizade coragem honestidade estudo
cooperação autoestima uso da tecnologia empreendedorismo
planejamento

Super-Herói Valor

Estórias que ensinam valores e bons hábitos
dos 5 aos 50 anos e prática de leitura

Marie Manhães Messe

Família força inteligência sociabilização comunicação
honra tolerância amizade coragem honestidade estudo
cooperação autoestima uso da tecnologia empreendedorismo
planejamento

Ficha Catalográfica

MOSSO, Mario Manhães. / Super-herói Valor - Estórias que ensinam valores e bons hábitos

76 páginas – Rio de Janeiro, Junho de 2015

Editor 914726 ESC

ISBN 978-85-914726-4-2

Educação CDD 000 obras gerais

1. Alfabetização 2. Valores 3. Hábito

Este livro não pode ser reproduzido no todo ou em suas partes sem prévio consentimento por escrito do autor.

E-mail e Site:

mariomanhaes@yahoo.com.br

www.mariomanhaes.com.br

Dedicatória

Às meus filhos: Mariana, Gabriela, Adriane e Helena.

À minha neto Leticia.

À Tatiane, uma mendiga que sempre me inspira.

A todas as crianças.

Agradecimentos

Coes que nos pedem ajuda.

O que seríamos, e que construiríamos sem eles?

A Raphael Gaga, que desenvolveu esse tipo de letra. Atualmente é a que mais se aproxima da letra cursiva da alfabetização. Obrigado e parabéns a você e à "tia Lúcia" .

É preciso lembrar que uma estória quase nunca é história. Porque o que nos anima normalmente é mais colorido que a verdade. E que a história quase nunca é estória. Porque a verdade, se colorida, deixa de ser a verdade.

Professores, mães, pais, avós e responsáveis

Prezados responsáveis, sabemos que só a leitura da estória não é suficiente para formarmos crianças e jovens melhores. Sabemos que só aprendemos aquilo que fazemos. Assim, é importante que, no mesmo dia ou no dia seguinte à leitura da estória, vocês pratiquem o que a estória ensinou. Peça para a criança falar o que entendeu, como poderia acontecer aquela estória de forma parecida na escola dela, na rua com os amigos, entre os familiares. Mais importante de tudo: peça que ela faça o que a estória ensinou nesse dia. Dê a prática de bem criar o hábito da bondade. As estórias apenas ajudam. A família e a escola têm de praticar os ensinamentos.

Leiam muitas vezes cada estória. A repetição faz diferença.

Mesmo para jovens dos 14 aos 16 anos, o livro é importante, pois eles se encontram na fase de questionar os valores e muitos não receberam essas informações e conceitos. Eles podem ler para os menores também. Então eles serão os formadores de valores.

O objetivo desse livro também é sedimentar a alfabetização, melhorar a capacidade da leitura e fazer com que a criança e o jovem gostem de ler. Peça que ela leia para você. E também repita a leitura várias vezes. Peça que leia alto e outras vezes que leia

em silêncio. Isso desenvolve capacidades diferentes do cérebro da criança e do jovem.

A letra (a fonte) utilizada para construção do livro foi "mamãe que nos faz", desenvolvida por Raphael Guga. É a que mais se assemelha à letra da alfabetização (escrita cursiva). Esse livro busca também auxiliar nesse ponto, uma vez que são pouquíssimos livros com essa escrita disponíveis nas livrarias, e é a escrita da alfabetização. Como melhorar a alfabetização se não oferecemos livros na escrita da alfabetização? Esperamos ser seguidos pelas demais editoras. Vale informar que todos os países desenvolvidos começam a alfabetizar pela escrita cursiva. Isso mostra que se queremos alterar essa forma de alfabetizar, melhor desenvolvermos estudos mais profundos no tema.

As histórias e seus temas foram desenvolvidos a partir do livro "Educação de Hábito — 5.000 anos em 5 — o Brasil que queremos", da mesma editora e do mesmo autor, que pesquisou os significados do que é felicidade física, social e mental e que desenvolveu um método de educação de valores através dessas pesquisas e da Educação de Hábito.

Bem, vamos às histórias. sejam felizes!

EDC — Editora Dintese e Cosme

Rio de Janeiro — abril de 2015.

Sumário

- O gigante contador de estórias - a família 13
- Super-herói de ônibus - força e inteligência 14
- Ver e fazer - ação, realização e pró-atividade 16
- O menino corajoso - coragem, retidão e igualdade 17
- A mandona - educação e convivência 20
- A amiga de verdade - felicidade é fazer o bem 23
- As professorinhas - ensinar, aprender e planejar 26
- O rei dos videogames - o valor da inteligência 29
- Olhe, olhe bem! - inteligência e observação 32
- Um amigo me mostrou - socializar e confraternizar 35
- Umigo não mente nem pede segredo - o certo e o errado 38
- Quem fala consegue - a força da comunicação 39
- O dedo-duro e o bonzinho - honra e amizade 41
- A menina e o leão na pista - coragem 42
- Vou jogar bola sempre - tolerância 45

Quem fura fila é ladrão - honestidade 47

A bolsa e a casquinha de sorvete - trabalho, honestidade e
utilidade 50

O paredão! - realização e autoestima 53

Tricolor e rubro-negro - inteligência e educação 55

Nós duas temos fones - inteligência no uso da tecnologia 58

O menino virou homem - cooperação 61

Francisco é o maior - força 64

O senhor E De - lógica, visão consequente e planejamento 66

O segredinho no futebol - desenvolvimento e uso da tecnologia
71

Minha norré vale ouro - inovação e empreendedorismo 73

O gigante contador de estórias - a família

Mãe, meu pai não gosta de ler estórias? — Gosta, meu filho !

— Então por que só você lê? — Não sei. Acho que é por que eu gosto também muito de estórias. — Amanhã o meu pai pode ler uma para mim? — Já bom. Eu vou falar com ele.

— Não precisa! Falou o pai entrando de repente no quarto. — Eu ouvi tudo. E eu adoro estórias tambémmmmm. Então hoje eu é que contarei a estória. Falou o pai já com a voz grossa como se fosse um homem gigante. E a mãe e o filho riram e a mãe deu um beijo em cada um e foi para a sala.

O pai se sentou na cama do menino e começou: — Era uma vez um menino com cara de pudim, que gostava de estórias todos os dias assim há há há há. E o filho riu por que sabia que o pai estava brincando com ele.

E o pai contou uma estória muito bacana e disse que a partir daquele dia começaria a contar mais estórias para o filho.

— Boa noite, filho.

— Boa noite pai. Te amo!

— Te amo.

Super-herói de ômbus - força e inteligência

E o forte soldado chegou para o General e disse:

— Meu general, sou forte. Quero lutar na frente da batalha.



Pippe Spame - 1450 - Andrea del Castage - Renascença

— Você é forte? — Sou. Muito forte.

— É forte mesmo? — Sou, sou forte!

— E o que você faz com a sua força?

— Ah, eu, eu, eu posso levantar uma cama.

— O que mais? — Ah, posso correr como uma flecha.

— Quer dizer que você é tão forte, mas não ajuda ninguém com a sua força?

— Como assim? — De que vale a força se ela não ajuda ninguém? De serve para você? Então de que adianta você ser forte? Você dá o seu lugar no ônibus para os mais velhos? — Nunca uma pessoa mais velha precisou. — Isso quer dizer que você nunca deu, porque sempre tem pessoas mais velhas no ônibus, todos os dias. Você nem percebe que elas estão de pé. Então de que adianta a sua força, se não consegue nem ficar de pé e dar o lugar para a velhinha? Você é forte mesmo?

De você é inteligente, a sua inteligência só serve se ela ajudar alguém.

De você é forte, a sua força só vale alguma coisa de você ajudar alguém também. Só é forte quem tem força para ajudar.

Depois que você aprender a ajudar as pessoas na vida, eu deixo você me ajudar na guerra. Porque então eu saberei que você é realmente forte. O super-herói é herói todo dia, não precisa ir à guerra.

É o soldado saiu pensando e entendeu o que é força de verdade. E começou a usar a sua força para ajudar as pessoas. Depois virou o melhor soldado da paz, pois o general o chamou e ele salvou muitos amigos dos braços da morte, na frente da batalha.

Ver e fazer - ação, realização e pró-atividade

A tia Lúcia e o tio Clóvis estavam no parque brincando com sua sobrinha Elaine. A tia Lúcia era irmã da mãe da Elaine, que se chamava Helena.

Elaine estava no balanço e seus tios estavam bem perto, sentados num banco.

O parque estava cheio de crianças e adultos. Tinha flores e árvores e estava tudo limpinho.

De repente, passaram uma mãe e sua filha comendo um cachorro quente. Elas terminaram de comer e jogaram os guardanapos no chão.

Tia Lúcia e tio Clóvis se olharam e a tia falou: — Nessa, mas que gente mal educada, jogando lixo no chão.

É o tio Clóvis disse: — Elas não pensam nem nas crianças.

E eles ficaram falando mal das duas percalhomas, e falavam de educação e da maturidade.

Elaine, que estava perto e se balançando, depois de ouvir seus tios falarem bastante, parou o balanço, pegou o lixo que as duas mal educadas jogaram no chão e botou na lixeira.

O tio e a tia que só falavam e não faziam nada ficaram quietos e sem graça. Porque eles só falavam, mas não faziam nada.

Têm pessoas mal educadas. Mas também têm pessoas que acham que educação é ficar falando. Educada é a Elaine, que parou de balançar e fez alguma coisa.

O menino corajoso - coragem e retidão

Pedro, Antônio, José, Tiago, Cazu e Tupi estavam jogando bola. José era branco como leite, era grandão, braços fortes e olhos pretos. Seu pai era italiano e sua avó era espanhola. Pedro era baixo, cabelos castanhos e também tinha a pele branca. Sua avó veio da Alemanha, mas seu pai era brasileiro. Antônio era meio branco e meio negro. Então, era metade europeu e metade africano. Seu avô era português e sua avó era africana de Angola. Não era grande nem pequeno. Tinha olhos verdes e cabelo castanho. Tiago era também grandão, mas era preto como carvão e tinha olhos

negros. Seus avós vieram do Congo e da Nigéria, na África. Cazu tinha olhos puxados e a pele amarelada, pois seus pais eram brasileiros e sua avó era japonesa. Tupi parecia com um índio, a pele meio avermelhada, porque ele tinha uma avó índia. Os brasileiros são a mistura de muitas raças e por isso é o povo mais feliz do mundo e recebe bem os visitantes dos outros países. Porque nós somos o mundo todo.

Mas eles estavam jogando bola e corriam para lá e para cá. Quem faria o primeiro gol?

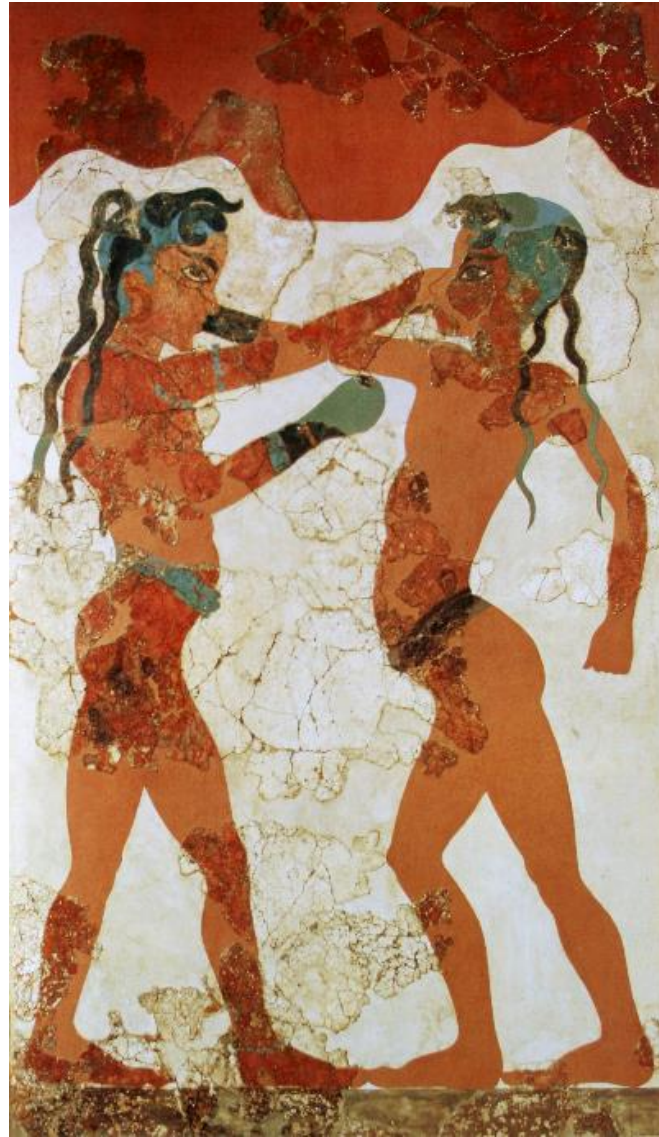
José chutou a bola forte para Pedro. Mas Pedro não pegou direito na bola. A bola foi longe e bateu na janela da casa de José e quebrou o vidro.

José, então, que era grandão e forte, disse:

— Eu não brigo com o Pedro. Eu sou corajoso. Vou te dar uns cascudos, Pedro!

Antônio então gritou:

— É a janela que você quebrou? Você vai falar com seu pai que foi você? — Eu não! — Então você não é corajoso. Corajoso não tem medo de falar a verdade. E outra coisa: corajoso não bate no mais fraco. Quem bate no mais fraco é covarde. Se você fosse mesmo corajoso, ia brigar com um leão. Você que chutou a bola forte.



Lutadores de Boxe - 1550 a.C. - Grécia Antiga

Cigora quer ver se você é corajoso mesmo: vai contar para a sua mãe e para o seu pai que você jogou a bola para o Pedro!

José parou e disse: — Ah, deixa para lá. Vamos continuar o jogo.

Pedro então olhou para Antônio e disse: — Você é corajoso, Antônio!

A mandona - educação e convivência

— Me dá a mechila! — Hein? — Me dá a mechila aí! — A gente ajuda quem é educado. Vou lhe dar desta vez. Mas na próxima, não te ajudarei. Toma aqui. Você nasceu antes de 1888? — Por quê? — Na época da escravidão, as pessoas tratavam os escravos assim: batiam nos escravos e mandavam o tempo todo: faça isso, faça aquilo. Não existia a palavra "por favor" .

— Ih, mãe tô acostumada com esse negócio de "por favor" .

— Mas é bom se acostumar, assim terá mais amigos e gestarão mais de você. Não sabe a diferença entre mandar e pedir? Quando a gente pede, a gente fala "por favor" . E mãe devemos mandar nas pessoas, porque isso é coisa de escravo. Ninguém gesta de gente mal educada e mandona.

— Já pensando que você é minha mãe? — Não, eu sou sua amiga, porque estou tentando te ajudar. Se eu não fosse sua amiga, eu ficaria quieta, não tentaria te ajudar, não me importaria contigo. Amigo é quem fala a verdade, quem quer ajudar, e mãe quem fica agradando, dizendo só o que você quer ouvir, mentindo para você.

— Oh, amiga. Desculpe. Você tem razão. Obrigada. Mas lá em casa ninguém fala por favor e obrigada. Eu não me acostumei.

— Você pode acostuma-los. É só você começar que eles, aos poucos, devagar, começarão a falar também. Pode ter certeza. Mas você precisa ter um pouco de paciência, porque se eles nunca falaram, vai demorar um pouco. — Vai ser difícil. — Você pode ajuda-los! Quando é que vocês comem juntos? — Cãããã! Juntos? — É. Juntos, na mesa? — Cêhe que a gente fica na mesa só quando tem festa. — Que isso, Regina! — Ué, Márcia, qual é o problema?

— Regina, é quando a gente está junta na mesa que a gente conversa, você conta as novidades para seus pais, eles também conversam sobre coisas de adultos, quando você pergunta coisas que mãe sabe para eles... — Lá em casa cada um come numa hora diferente e sempre vendo televisão. — Puxa, Regina! Desculpe!

— Desculpe por quê? — É por isso que você mãe fala por favor. Quando a gente está na mesa com nossos pais, a gente tá sempre falando: por favor, me passe o sal, por favor, coloque mais um pouquinho de feijão... É isso! — Será? — Não. Temos de fazer isso em todo lugar, mas na mesa fica mais fácil e acontece mais vezes. Cí a gente pega o costume. — Então como é que eu faço? — Você quer ajudar seus pais e também você mesma? — Quere. — Então vamos fazer um plano. Primeiro você tem que pensar... Qual é o horário em que tem mais gente na sua casa, tudo mundo junto?

— Todo mundo junto é difícil. Mas eu acho que à noite, às vezes, estão minha mãe, meu pai, minha avó e meu irmão. — À noite. Está bem. Todos os dias? — Não, é mais fácil na terça e na quinta, que minha avó me pega na escola para ajudar minha mãe. — Hum. Então você dirá para a sua mãe e para a sua avó o seguinte: minha professora disse que todas as quintas-feiras teremos de jantar juntas na mesa e na sexta eu preciso falar para ela, na classe, sobre o que conversamos. — Mas minha professora não disse isso! — Eu mãe estou te ensinando boas maneiras? Então agora sou sua professora, não sou? — É verdade. Então tá, minha professora. Disse Regina sorrindo. — Vou falar hoje para minha mãe. — Mas fale para a sua avó também, porque aí uma ajuda a outra. — Está bem.

Uma semana depois, na sexta-feira, Regina se encontrou com Márcia e foi logo falando: — Amiga, deu certo! E foi muito bacana, porque eu não sabia de nada que estava acontecendo com meu irmão nem com o meu pai. Foi muito bem. — Lembrou de praticar o "por favor"? — Lembrei. Pedi para o meu pai o sal. Ele sorriu e falou: — Nessa, que filha educada que eu tenho! Muito bem, Filhota! E meu irmão ficou morrendo de inveja de mim há há há há.



O Almôço - 1739 - François Boucher - Rececé

É as duas saíram rindo e pulando como duas maluquetas bagunceiras.

A amiga de verdade - felicidade é fazer o bem

— Quem já ajudou um amigo? Quem já fez o bem? Perguntou a Tia Tetê.

— Eu já ajudei! Bem é o nome do meu cachorro e eu o levei para fazer xixi e cocô. — Há há, engraçadinha.

Mas fale de ajudar uma pessoa. — Eu já ajudei! Disse Terezinha. — Como foi isso, Terezinha? — A Natália caiu quando a gente estava brincando e eu a ajudei a levantar. Ela chorou, por

que arranhou o joelho e estava saindo muito sangue. Então corri e chamei a mãe dela. — E o que você sentiu? — Ah, eu fiquei preocupada com ela. — Mas depois que a mãe dela fez o curativo e ficou tudo certo? — Ela me deu um beijo e segurou a minha mão. Eu fiquei muito feliz de tê-la ajudado.

— Então o que a gente sente quando ajuda alguém? — A gente fica feliz, né professora? Retroceu Priscila — É isso aí. Quando a gente faz o bem, a gente fica feliz.

É quem já empurrou o amigo ou a amiga que estava chateando a gente? Jesus levantou a mão. — Eu, professora. — Mas por que você fez isso, Jesus? — Ah, professora, ele estava me enchendo muito. Não parava de perturbar. — E o que aconteceu? — O professor me botou de castigo, por que ele caiu e bateu com a cabeça. — E você ficou feliz? — Claro que não. Eu fiquei é com raiva. — E se você tivesse falado com o professor antes de empurrar o amigo? Nada disso teria acontecido. Quer dizer, quando a gente faz uma coisa errada, a gente não fica feliz. Mas você aprendeu? — Aprendeu o que, professora? — O que fazer nessa hora? — Não sei. — Então vamos lá. Quando estiver acontecendo alguma coisa que vocês não gostem, vocês têm de seguir uma ordem, um plano, uma coisa de cada vez:

Primeira — vocês conversam com a pessoa e perguntam por que ela está fazendo aquilo.

Segunda — se a pessoa não parar de fazer, vocês dirão a ela para ela parar, porque vocês não estão gostando e falarão com a professora. Se a pessoa ainda assim não parar,

Terceira — Vocês falarão com a professora.

— E se a professora não conseguir resolver, não conseguir fazer ele parar?

— Então vocês saem de perto daquela pessoa.

Isso é o certo. Se não fizerem assim, vocês podem ter problemas. Só fazendo o bem que a gente se sente bem. Quando a gente reage, quando a gente empurra ou bate em alguém, a gente perde a razão, porque você foi pior do que a pessoa que estava te chateando. Você foi pior, porque ela estava te chateando e você bateu nela: você foi pior que ela. Bater não é pior que chatear?

— E você já empurrou alguém, professora?

— Eu já, quando era criança. Cú fiquei triste porque me senti uma pessoa má. Então pedi desculpas àquela pessoa e somos amigas até hoje.

Pedir desculpas é uma coisa muito difícil e só as pessoas corajosas conseguem, porque a pessoa tem de admitir que errou e falar isso para a outra.

— Você então é corajosa, professora? — Um pouquinho. Eu tenho medo de rato.

— Olha o rato aí, professora! Gritei Hugo, rindo. — Memine danado! Falei a professora rindo também.

As professorinhas — ensinar, aprender e planejar

— Nessa! Estou cansada dessa aula. Essa professora fala muito. Disse Roberta.

— Fique quieta, Roberta. Está atrapalhando a aula. Falei Jerência.

— Mas... — No recreio a gente fala.

Quando chegou o recreio ...

— Está pensando que é fácil, Roberta, ser professora?

— Ah, eu acho. É só ficar falando aquilo que ela já sabe.

— É? Então vamos fazer uma coisa: você me ensina um negócio que você sabe e eu te ensino alguma coisa que eu sei.

— Cãããã... Já bem. Vou te ensinar a costurar. E você, vai me ensinar o que? — A andar de skate. Você começa. — Mas assim? Agora? — Você mãe disse que é fácil? Que é só falar o que já sabe? — Mas, mas, mas você mãe vai aprender se eu falar agora. — Então mãe é fácil. — É, pensando bem eu mãe sei nem como começar. Como é que ela consegue, então? — Vamos perguntar para ela?

E Roberta saiu correndo na frente e quase atropelou a professora quando a encontrou. — Professora, estávamos brincando de professora há há há há há mas não conseguimos nem começar, não sabíamos o que dizer. Como a senhora consegue falar aquilo tudo?

— Ah, isso é: estudo, planejamento e muito treino.

O que é planejamento? Perguntou Terência. — Bem, primeiro vocês têm de saber de que querem falar. — Nós já sabemos.

— Muito bem. Depois vocês têm de estudar aquilo que irão ensinar aos outros. — Estudar? Mas nós já sabemos? — Vocês sabem fazer, mas na hora de ensinar, talvez existam coisas que vocês não saibam, palavras especiais. Por exemplo: Roberta, sua aula é sobre o que? — Costura. — Você sabe o que quer dizer a palavra viés? Eu sei o que é, mas não sei falar. — Pois é, é uma

palavra específica de quem costura e como professora você precisa saber dizer o que ela significa para os alunos. — E depois?

— Depois, Terência, vocês precisam planejar, precisam colocar numa ordem. Por exemplo: primeiro falar dos tipos de agulha, depois dos tipos de tecido, cuidados que deve ter, tipos de nós, como segurar a agulha etc. etc. Depois de colocar numa ordem o que você irá falar, você tem de pensar qual a melhor maneira da aluna aprender. Você vai emprestar agulha e linha para a aluna? Ela terá uma mesa? De quanto tempo será a aula? Será mais de uma aula? Finalmente, você terá de treinar, ensinar a costurar muitas vezes para muitos alunos até ficar uma grande professora de costura.

— Caramba, professora. Disseram as duas de boca aberta. Mas isso é muito difícil. — No começo é muito difícil, mas com a prática fica mais fácil. Mas é a melhor coisa do mundo você ensinar algo para alguém, você ajudar uma pessoa a ser uma pessoa melhor, mais sabida. E então, que tal vocês darem essas aulas para toda a turma? — Nós podemos, professora? — Claro. Antes darão a aula para mim, rapidinho, para eu ajudar no que estiver faltando. Tudo bem? Vocês farão tudo isso que eu disse em casa. É bom também uma dar a aula para a outra, para praticar. E amanhã cada uma dará uma aula rapidinha para a turma. De cinco a dez minutos a aula, tá bem? — Oba, oba!

E as duas professorinhas saíram pulando de alegria.

— Amanhã será um grande dia, amiga? — É, professora Jerência? — É, professora Roberta!

E saíram as duas sabidas professorinhas desfilando.

O rei dos videogames - o valor da inteligência

Harolde subia a rua ansioso. Ouvira falar que Rogério era o Rei dos Videogames. Harolde não conseguia passar numa fase de um jogo de guerra de gangues e precisava descobrir o truque de como vencer aquela etapa.

Com chegar à casa de Rogério, Harolde o encontrou tocando um violão na varanda da frente e perguntou: — Você é o Rogério?

— Antes de dizer se sou Rogério ou não, você me interrompeu. Eu estava tocando violão. Quando a gente precisa parar o que outra pessoa está fazendo, a gente tem de falar "com licença". Educação, garoto! — Desculpe. Com licença! Você é o Rogério?

— Sim. Faleu Rogério, parando de tocar. — Você sabe algum truque de videogame? — Como você sabe? — Ninguém me procura para saber o nome daquele passarinho ali. Disse Rogério apontando para um pardal.

Uh, acho que esse cara é maluco. Penseu Haroldo. Que tem a ver videogame com passarinho? Mas eu quero saber é da fase.

— Mas você pode me dizer como passar numa fase?

— Seu jogo é de dedo ou é de inteligência? — Como assim?

— Vou dizer logo: para jogo de dedo eu te falo de graça, porque é muito fácil. Mas para jogo de inteligência, você me paga com informação. — Sim, mas o que é jogo de dedo e o que é jogo de inteligência? — Jogo de dedo é aquele que você basicamente só precisa das mãos, de dedos rápidos para vencer, você quase não precisa pensar. Por exemplo, vence quem vira o dedo rápido para mirar e acertar o inimigo. Ganha quem tem o dedo rápido. É um jogo burro, porque só tem imagens bonitas, mas não precisa de inteligência.

— E o jogo de inteligência? Perguntou Haroldo falando um pouco mais baixo. — No jogo de Inteligência você precisa pensar, às vezes até precisa de muito conhecimento. No jogo de inteligência você tem de aprender a se planejar, pensar nas etapas de ação, precisa prever todos os movimentos possíveis do outro. Têm jogos inteligentes onde você até precisa de habilidades matemáticas e saber falar três idiomas. — Nessa, deve cansar um jogo assim! — Cansa no começo, mas depois é muito melhor. O jogo que não faz pensar nos deixa burros. Oh, desculpe. Estou vendo que seu jogo é

um jogo de dede. Não fique chateado. Você ainda é muito pequeno e não tinha como saber. Ainda quer saber como passar na fase do seu jogo?

Haroldo demorou para responder. — Não fique assim. Eu te ensino. Você vai fazer sucesso com seus amigos. Diga lá, qual é o jogo e a fase?

E Haroldo pensou: — De que adianta fazer sucesso com burrice?

Haroldo, ainda com a voz baixa e se sentindo um bobo, disse para Régérie: — É a sétima fase do "gangues inteligentes". Não sei como passar pela muralha.

Régérie resumiu em uma frase onde estão todos os truques dos videogames de dede.

Régérie pegou o violão novamente e Haroldo, andando devagar na direção de casa, disse: — Obrigado! — De nada! Retrucou Régérie.

E Haroldo continuou andando lentamente. E parou. Virou novamente para Régérie e perguntou: — Com licença. Qual era o nome daquele passarimhe? Régérie abriu um sorriso largo de felicidade e disse: — Era um pardal. Já vi que você é inteligente, garoto! É muito mais inteligente quem percebe que um dia foi burro. Você percebeu que esse jogo só treina os seus dedos, não

treina a sua mente. Quando quiser aprender um jogo de gente grande, pode vir. Mas antes, aprenda a jogar xadrez. Uma informação por outra informação, lembra?

Haroldo acenou com olhos alegres e voltou a caminhar para casa. Mais rápido, mais alto, mais forte, como se já tivesse com dezete anos. Ele pulou todas as fases, de todos os jogos de dede. Como? Pulando para os jogos inteligentes.

É jogou xadrez com seu novo amigo Rogério durante muitos e muitos anos. Treinava no computador também para ganhar dele, há há.

Olhe, olhe bem! - inteligência e observação

— Já bem o servete? Perguntou o pai ao filho. — Está uma delícia, pai! Os dois estavam sentados num banco, numa pequena praça. Havia uma rua há mais ou menos dez metros de distância e eles estavam sentados virados olhando para o sinal daquela rua, vendo as pessoas indo e vindo quando o sinal fechava para os carros, e os carros passando quando o sinal abria para eles.

Então o pai, apontando para o outro lado da rua, na faixa de pedestres, perguntou ao filho: — O que você está vendo lá, do outro

lado de sinal? — O que? Uma lanchemete? — Não. — Pesseas
passando? — Sim. E o que mais? — Uma placa? — O que mais?



Eleonor de Toledo e Giovanni de Medici — 1545 — Cigno
Botticelli — Renascença

— Ah, o sinal de pedestre? — Olhe para as pesseas. — Estão
passando. — Olhe melhor! — Tem um homem que está parado
enquanto todos estão passando. — O que mais? Fale sobre o
homem. — Parece um mendigo. — E o que mais? — Está de óculos.
— O que mais? — Não sei, pai. — Olhe para o movimento da cabeça
dele. — Ele tem o queixo um pouco levantado eeee..., mexe um pouco
a cabeça para os ladossss. Pai, ele é cego! — Muito bem, meu
filho. Vamos lá. — Mas, pai! — Vamos! Rápido!

Pai e filha esperaram o sinal fechar para os carros, atravessaram a rua e finalmente chegaram ao velho senhor. — Bom dia! Falou o pai ao homem. — Bom dia. O senhor poderia me ajudar a atravessar? Perguntou o homem. O pai olhou para o filho, que começava a achar que seu pai era um adivinho. — Claro, senhor. Respondeu o pai. — Segure no meu braço aqui. O homem segurou o braço do pai e o pai deu a mão do outro braço para o filho. Quando fechou o sinal para os carros, eles atravessaram a rua.

Com chegar ao outro lado, o homem agradeceu: — Obrigado, meu filho. Ele disse ao pai. — Agora eu consigo ir sozinho. Muito obrigado. — De nada, senhor! Bom dia.

E o pai voltou ao banco com o filho, mas eles pegaram outro picolé antes disso.

O filho não aguentou de curiosidade e perguntou: — Pai, como você conseguiu ver tudo aquilo, se eu não consigo nem ver o homem de primeira? — As pessoas mais inteligentes do mundo, mais ricas e as mais felizes são pessoas muito observadoras. Tudo que fazemos, foi porque observamos e percebemos alguma coisa. — Mas, pai, isso é muito difícil! — Nada. Isso é um hábito. Com o tempo você começa a fazer isso com tudo, automaticamente, e então, se você observar melhor, conseguirá ver muito mais que as

outras pessoas. Olhe para o seu tênis. Olhe melhor. E faça isso com tudo.

O filho logo abaixou a cabeça para observar o tênis.

— Necessária. Estou vendo um monte de coisa no meu tênis!

— Agora, filho, de que adiantaria observarmos e percebermos o senhor cego do outro lado da rua se não fizéssemos nada? Para que serviria nessa observação? Ele ainda estaria lá. Temos de ser bons observadores, mas temos também que agir, fazer alguma coisa, caso contrário nessa observação, nessa inteligência não serve para nada.

Viu uma pessoa precisando, meu filho, ajude! Os bons homens não são só inteligentes, eles fazem, eles agem, eles constroem tudo de bom que temos no mundo. Dão os verdadeiros heróis. — Você é meu herói, pai. — Você não foi comigo ajudar o velhinho? Então você também é meu herói.

Pai e filho se abraçaram.

Um amigo me mostrou - sociabilizar e confraternizar

Jair estava correndo no campo de futebol. Seu time estava ganhando. Jair tem muitos amigos e eu não tenho nenhum. Por quê?

Paulo estava sentado num banco sozinho e pensando essas coisas. Ele era um pouco quieto, mas queria que os amigos brincassem com ele. Ele não era bom no futebol, mas gostava de pega-pega e de videogame.

Paulo não percebeu, mas tinha acabado o jogo e o Jair tinha visto que Paulo estava sozinho sentado no banco. De repente Jair estava do seu lado e perguntou:

— E aí, cara? Tudo bem?

Paulo levou um susto, mas respondeu: — Tudo bem.

— Tudo bem nada! Você tá muito quieto aí. Quer jogar a próxima partida? — Ninguém quer me chamar, porque eu jogo muito mal. — Há, então é isso? Eles não te chamam porque querem ganhar o jogo. Você entende?

— Eu sei.

— Mas nem todo mundo gosta de futebol, Paulo. Aquele pessoal ali não gosta. — Mas eles querem brincar de queimado e eu não gosto. — Mas para ter amigos, Paulo, você de vez em quando tem que brincar de que eles gostam. É uma troca, meu irmão. Você combina com eles: agora eu brinco de queimado e depois vocês brincam de pega-pega. Quem não troca não tem amigos.

— Eles também não gostam de brincar de pega-pega comigo por que eu ganho sempre. — Mas é claro, cara! Ninguém gosta de perder sempre. Você precisa deixar que eles ganhem às vezes. Você gosta de perder o tempo todo no futebol? Então.

— Será?

— Outra coisa, Paulo, ninguém gosta de exibido, de pessoa que fica se mostrando, pessoa metida, que sabe tudo. Não diga que você sabe tudo, que é fera no pega-pega. Ninguém gosta de gente assim.

— Mas eu sou fera no videogame também. — Eu sei. Mas não fique dizendo isso toda hora, se não vai perder amigos.

É aí, vamos jogar a próxima partida? — Não te disse que sou ruim no futebol? — Vamos fazer um truque: você fica sempre perto de mim. Quando eu te passar a bola, você passa para mim de novo e deixa que eu faça o gol, beleza?

— Caraca, não sei não ... Então tá bom.

E os dois saíram correndo para o campo.

— Depois vamos no pega-pega. Griteu Paulo.

— Já bom! Já bom!

Cumigo não mente nem pede segredo - e certo e e errado

Beatriz estava pulando elástica com a Maria quando chegou o Beto com um brinquedo novo. Era uma arma de chumbinho que os meninos usavam para matar passarinho.

- Oi, meninas. Vamos matar uns passarinhos?

- Que isso, Beto! Vai matar os bichinhos para se divertir?

- Ah, então vamos atirar nas latinhas. A gente faz uma pirâmide e tenta acertar na lata que estiver em cima de todas. Mas não podem falar nada para seus pais.

Maria ficou pensando.



O Veredicto de Salvador no Templo - 1854-1860 - William Holman Hunt - Pré-Rafaelismo

Beatriz olhou para Maria, virou para o Beto e disse: — Minha mãe falou para mim que tudo que pedem segredo é coisa errada. Se não posso falar para meus pais, é por que isso não é certo.

E pegou a mão da Maria, saiu andando e dizendo: — Entendeu, Maria? Sempre que pedirem para você não contar para seus pais, é coisa errada!

— E se for uma festa surpresa? — Cú é diferente, porque vai estar todo mundo lá. Não vai ser nada escondido.

Maria viu que a amiga tinha razão e depois seria pior para ela. Beatriz era a menina mais sabida da escola e era uma amiga de verdade.

Quem fala consegue - a força da comunicação

Armando estava na sala de aula, deitado, procurando alguém para provocar.

Jussara estava sentada na sua frente.

Armando então deu um peteleco na orelha de Jussara, daqueles petelecos bem doídos. Jussara disse: " — Cui! " . Mas ela era muito tímida e medrosa, então não falou para a professora.

Jamires estava sentada ao lado da Jussara. Jamires virou para trás e disse: — Se você fizer isso de novo, vou falar para a professora, para a mãe da Jussara e para a minha mãe.

— Você não vai fazer isso por que, se fizer, eu darei uma tapa na sua cara e ainda joga uma pedra na cabeça de sua mãe.

Jamires ficou quieta. Não porque tivesse medo do tapa de Carmando, mas ficou preocupada que a mãe levasse uma pedrada daquele maluco.

Mas Jamires lembrou o que sua mãe disse: que quando alguém ameaça é porque tem medo, e que ela deveria contar tudo para a sua mãe por que os adultos sabem resolver as coisas. Se o Carmando estava ameaçando, era por que tinha medo que alguma coisa acontecesse.

Quando Jamires chegou em casa, contou tudo para a sua mãe. Tudo tudo.

No dia seguinte, a mãe foi à escola, pediu para falar com a diretora, a diretora chamou a professora e o Carmando. A mãe de Jamires contou tudo que aconteceu à diretora, inclusive que Carmando disse que iria bater na sua filha e que jogaria uma pedra em sua cabeça. A diretora colocou Carmando de castigo e disse que se qualquer coisa acontecesse com a Jamires ou com a mãe dela

todos saberiam que foi ele. E que seria suspense. E também chamou o pai e a mãe de Carmando para dizer tudo que aconteceu.

Carmando nunca mais mexeu com as meninas. Mas continuava a implicar com as outras que eram quietinhas e não falavam nada para suas mães.

O dedo-duro e o benzinho - honra e amizade

Carmando era um menino muito bagunceiro e gostava de provocar os colegas de escola. Principalmente as meninas, que eram mais fracas. Isso é covardia, por que ele não implicava com os meninos mais fortes. Todo covarde tem medo de alguma coisa e é fraco.

Naquele dia, Carmando jogou um montão de bolas de papel pela janela. A professora estava passando pelo lado de fora e viu os papéis caindo pela janela, mas não viu quem estava jogando.

Carmando virou para Jamires e disse: — E aí, dedo-duro? Vai contar para a mamãezinha também? — Eu não sou dedo-duro. Só conto para a minha mãe o que é importante e isso não é importante.

Quando a professora entrou, perguntou que história era aquela de papéis saindo pela janela.

Jamires ficou calada, porque ela mãe era dede-duro. Dede-duro é aquela pessoa que fala o que outra pessoa fez, mas quando o que essa pessoa fez é coisa sem importância. Quando a coisa é importante, ela tem que ser dita.

Então a professora falou: — Quem disser quem foi que jogou vai ganhar mais um ponto na meta!

Jamires ficou chateada com a professora, pois ela sabia que é muito feio jogar uma pessoa contra outra. A professora é que tivesse mais atenção da próxima vez e ficasse de olho na turma.

Mas um garoto dede-duro falou para a professora e o Armando se deu mal outra vez. O garoto se vendeu para ganhar um ponto. Isso é mais feio ainda.

A menina e o leão na pista - coragem

— Oi, Mariana. — Oi, Tatiana. — Vamos ver o campeonato de skate na praça? — Ih, tem campeonato hoje? Vamos lá!

Quando elas estavam chegando na praça, já viam muitas pessoas andando de lá para cá, muitos garotos e meninas com skates, skates super transados. Os participantes já estavam se aquecendo na pista. Elas então apressaram os passos e acharam um lugarzinho bom para assistir.



O Juramento de Horácios — 1784 — Jacques-Louis David
Neoclassicismo

— Ih, amiga. Olha lá o Roberto. Faleu Tatiana. — Seu fã dele! Dizem que ele e o Pedro são os dois melhores. Estou torcendo pelo Roberto. — Quem é o Pedro? — O Pedro? Deixe-me ver... se ele já chegou... Ah, ali! Aquele com um boné azul! — Ah, tá. — Está vendo aquele buraco ali? Oh! Oh! O Roberto vai entrar... Caramba! O Roberto é super corajoso. Como é que ele consegue entrar naquele buraco gigante e não tem medo de quebrar a cabeça?

Vou jogar bola sempre - tolerância

- Uau, o professor de educação física disse que eu sou intolerante e me tirou da time. - E você é, Gabriel?



Crianças comendo uvas e um melão - 1645 - Bartolomé Esteban Murillo - Barroco

- Não sei. O que é intolerante?

- Vamos ver. Por que ele falou isso? - É que o Henrique estava gritando no meu ouvido e eu dei um berro no ouvido dele.

— Mas você fez isso logo na primeira vez que o Henrique gritou? — Não, fiz na segunda. — É, isso é intolerância. Você foi provocado e logo na segunda vez já respondeu berrando no ouvido dele. A pessoa tolerante não briga logo, não xinga ou grita logo que acontece alguma coisa, logo que alguém a incomoda. O intolerante não espera, ele reage logo que alguma coisa o incomoda. O tolerante aguenta, tolera mais um pouco, ele tem mais paciência e mais força mental, autocontrole. O tolerante é o mais forte.

Não podemos brigar ou xingar logo que alguma coisa nos incomoda. Isso é intolerância. Na verdade, não devemos brigar nem xingar nunca. Temos de tolerar um pouco, esperar um pouco, pensar no porquê daquela pessoa estar fazendo aquilo. Quando nós entendemos, ficamos mais tolerantes. Se a coisa continuar te incomodando por mais tempo, saia do lugar.

— Mas ele que está me incomodando e eu que tenho de sair do lugar?

— O professor não brigou com você? Você não perdeu o futebol? Então foi pior para você. Se você tivesse saído daquele lugar, não teria levado uma bronca. Quem iria ganhar? Você. Estaria jogando com os amigos.

O que faz alguém mais tolerante é o entendimento e o autocontrole. Autocontrole é você conseguir se controlar. Da

próxima vez, meu neto, faz o seguinte: olhe para a janela e conte até dez devagar. Respire fundo e depois pense.

— Mas eu nunca fiz isso, vovó. — Tolerância você desenvolve, meu neto. Faz o seguinte: quando alguém te incomodar, brigar ou xingar você, conte até dez em silêncio, vai beber água, sai para fazer alguma coisa. Mas nunca responda na hora. E nunca brigue ou xingue quando ver algo que você não entende. Por exemplo, está vendo aquele moço ali, com um cabelo que parece um cacho de uva? Pois é, você não pode brigar ou xingar o moço só porque o cabelo dele é diferente. Respeite os diferentes. E se não conseguir ficar perto deles, saia sem brigar ou xingar. Assim você será muito mais feliz na vida, meu neto, e também deixará as pessoas felizes. As pessoas inteligentes, tolerantes, são mais felizes e têm mais amigos.

Quem fura fila é ladrão - honestidade

— Professora, o que é um ladrão?

Perguntou Taiama.

— Ladrão é quem tira alguma coisa de alguém.

— Por que alguém é ladrão?

— Quem tira alguma coisa de alguém faz isso porque não tem inteligência para conseguir sozinho, ou porque é preguiçoso. Mas de qualquer maneira, é uma pessoa ruim. De uma pessoa também não tem força para arrumar um trabalho, não se esforça, então um ladrão também é uma pessoa fraca.

— Então é quem pega o celular de alguém, por que não consegue comprar o celular com o próprio trabalho?

— É isso. E porque é mau também, porque as pessoas boas, mesmo quando não têm emprego, não tiram nada de ninguém.

Mas não é só quem rouba um celular ou um carro. Eu disse que roubar é tirar alguma coisa de alguém. Não disse que eram só coisas materiais, coisas que a gente pode segurar, botar a mão.

Por exemplo, quando você fura uma fila, a fila da merenda, a fila de banheiro, a fila do ônibus, quando você engana alguém, você é um ladrão.

— Como assim professora? Perguntou Estéfane, com a cabeça baixa.

— Roubar não é tirar alguma coisa de alguém? Então. Se alguém está na sua frente na fila da padaria para pegar o pão, é porque essa pessoa acordou antes de você, ou tomou banho mais rápido para chegar cedo. Se você passar na frente dela, terá

roubado o tempo dela. O tempo é dela. Você tirou uma coisa que era dela. O lugar na fila é dela. Ela se esforçou para chegar antes na fila.

É a mesma coisa com o carro: quem comprou um carro gastou tempo trabalhando para compra-lo e se esforçou. Quando roubam seu carro, na realidade aquela pessoa roubou todo o tempo que você ficou trabalhando para comprar e mesmo ou outra coisa. Você não trabalhou para ganhar um dinheirinho e comprar o carro? Se foi sua mãe que lhe deu um presente, todo o trabalho que ela teve para comprar o tal presente o ladrão levou, roubou o tempo dela, o suor dela, o esforço dela. Entendeu? E isso vale para tudo: até uma ideia pode ser roubada.

— Ih, professora. Então eu roubei. Furei a fila do banheiro outro dia. Mas eu estava me berrando todo, professora! Disse Manuel.

— Oh, Manuel. Mas a gente pode também pedir para o pessoal da fila: " — Gente, por favor, tô com dor de barriga, vou fazer no pé de vocês..." Os seus amigos vão entender.

— Eu também roubei, professora. — Eu também! ...

E alguns alunos perceberam que furar fila era errado e confessaram seus erros e disseram que não fariam mais. Entenderam que estavam tirando alguma coisa de alguém.

— Mas professora, meu pai também fura fila.

É, Luan? Então diga para ele: "Pai, a gente está roubando o tempo das pessoas que estavam na nossa frente. Ele chegou primeiro." Seu pai vai entender e ficará orgulhoso de você. E ele vai aprender contigo. Às vezes esses pais não tiveram uma pessoa que dissesse para eles o que é errado ou certo. Vamos tentar ajuda-los. Se eles tiverem alguma dúvida, podem pedir que eles me procurem. Agora vamos fazer o exercício do livro da página 7...

A bolsa e a casquinha de sorvete - trabalho, honestidade e utilidade

— Memina! Olha aquele celular!

— É bonito. — E olha aquele outro! Nessa!

— Vamos comprar uma casquinha? E Patrícia foi puxando Rejane pelo braço. — Já. Disse Rejane sem desgrudar os olhos daquele celular.

Patrícia e Rejane estavam na praça de alimentação do shopping. Patrícia tinha nove anos e Rejane dez. Suas mães estavam logo na frente.

— Mãe, podemos comprar uma casquinha? — Vamos lá, meninas. Falou a mãe da Patrícia.

Perto de quiesque de casquinhas, passaram por uma loja de artigos femininos e Rejane falou de novo: — Que bolsa linda. Que beleza! Ah, eu queria comprar essa bolsa, aquele celular e o tablet. — Para que você quer uma coisa de que mãe precisa? Para que você quer essa bolsa de mulher? — Ah, se eu andasse com aquela bolsa, iam pensar que eu sou rica, que ganho muito dinheiro.

— Você? Você tem dez anos!! — E daí? — Você acha que engana alguém? — Eu acho. — E por que quer enganar as pessoas? — Já disse: não pensar que eu sou importante. — Que nada! Primeiro, enganar as pessoas é feio, porque tá mentindo para elas. Qualquer pessoa inteligente vai pensar que você é covetosa, pois quer tudo que é dos outros mesmo sem precisar. Não pensar que só gosta de dinheiro, por isso não gosta das pessoas boas e legais. — Não tô nem aí! — Ah é? Então me deixe ver. Vou te mostrar uma coisa. Disse Patrícia pegando a casquinha. Deixe-me pensar... Continuou falando, a Patrícia, enquanto olhava para as pessoas passando.

— Olha para aquele menino ali?

— Aquele bonitinho? — É. Você acha que ele é rico ou pobre?

— Cêhe que ele é pobre. — E aquele outro ali? — Aquele com o celular? — É. — Aquele é rico. — Como é que você sabe? — Por causa do celular, do tênis da moda que é caro para caramba, da roupa. — E foi ele que comprou? — Claro que não. Foi o pai ou a mãe dele. — Então ele não conseguiu tudo isso com o trabalho dele. Então não é ele que tem dinheiro, é o pai ou a mãe.

E aquele homem ali? — O que que tem? — É rico ou pobre?

— Nessa, aquele é muito rico. — Como você sabe? — Olha como ele está vestido e o celular dele!! — E se você visse aquele homem todo dia no shopping e dia inteiro passeando? — Eu diria que ele não trabalha. — E como uma pessoa que não trabalha tem aquele celular e se veste tão bem? — Amiga!!! É um bandido!!! — Pois é, Rejane. Quem tem muito dinheiro e não trabalha, é ladrão ou pegou tudo do papai e da mamãe. — Nessa, amiga, como você é esperta! É verdade! — Pois é a mesma coisa que não pensar de você, por que ninguém é bobo. E outra coisa que você não viu: eu prefiro ser amiga do primeiro menino. — Só por que ele é mais bonitinho?

— Não. Porque dá para ver que ele é mais limpo, tomou banho, está com o cabelo cortado e arrumado e a roupa está bem passada. Agora olhe para o outro! Cabelo de maluco, todo bagunçado e olhando para todo mundo como se fosse o homem mais rico do mundo. E o dinheiro nem é dele. Só por isso, minha amiga. E mais:

você não gostou mais dele? E você só quer saber de dinheiro, mãe é? Quem você acha que vai olhar para você se ficar desfilando como se fosse mulher rica? É gente invejosa e que só pensa em dinheiro, não serão os meninos e as meninas que gostam de brincar como a gente. — Você tá me chamando de invejosa?

— Invejosa eu não sei, mas você está pensando muito em dinheiro. — Ah, esse negócio de brincar é para criança. — E nós somos o que, Rejane?

E então a mãe da Patrícia, que prestava atenção em tudo, entrou na conversa: — É, Rejane! E nós adultos gostamos de brincar também. Eu ainda ando de bicicleta com a sua mãe, brincamos nas festas, dançamos com os papais. Brincar é muito bom, não é, Jussara? E a mãe de Rejane fez que sim com a cabeça.

— É, brincar é muito bom, né Patrícia? Falou a Rejane, esquecendo aquele negócio de parecer rica. Então, vamos no parquinho agora? — Vamos!!! Falaram todas juntas.

O paredão - realização e autoestima

— Oi, pai. — Oi, Filhão. — Nessa, você está suado, pai. Fazer esse muro é difícil? — Um pouco, meu filho. — Jogar bola comigo é melhor, né pai? Vamos jogar? — Eu também prefiro jogar bola

contigo, filho. Mas isso aqui é parecido com jogar bola, você sabia? — Como assim, pai? — O que você mais quer quando joga bola? — É fazer um gol. — Então. Você corre para um lado, corre para o outro, chutam a sua perna, você cai. Tudo isso para quê? Por causa de um gol. E quando o jogo termina, seu time fica muito feliz quando ganha, não é? — É, pai. — Quer dizer, a melhor coisa do mundo é você trabalhar, se esforçar por alguma coisa e no final de tudo conseguir. O pai ficará muito feliz quando terminar esse muro e ele ficar bonitinho. O final de um trabalho bem feito, filho, depois de muito esforço, é uma sensação maravilhosa, como ganhar a partida. E quanto mais difícil, quando mais força você fizer para conseguir uma coisa, mais feliz você ficará no final.

Se eu parar o muro na metade? Não sentirei nada.

Quando você jogar bola, se esforce bastante e faça o seu gol, meu filho. A gente só vence quando termina o que começou. Os grandes homens e as grandes mulheres trabalham duro.

Então, a gente joga bola amanhã, porque hoje tenho de terminar esse muro. Vai treinar. Dá um beijo no pai.



Retrato de Napoleão 1^o - 1804 - Girodet-Trioson

Pré-romantismo

Tricolor e rubro-negro - inteligência e educação

— Oh, seu Geraldo. Seu time venceu ontem, mas foi só ontem. Falou André rindo e brincando, quando passava com a bicicleta. André era um jovem bonito, bronzeado pelo Sol, olhos verdes, que adorava bicicleta e jogar bola. E o garoto era um craque.

O senhor Geraldo estava conversando com dona Amélia, a vizinha da casa da frente. Os dois olharam rapidamente para

André, pararam um pouco a conversa e voltaram a conversar sem dar bola para ele.

À noite, o senhor Geraldo estava chegando em casa quando André passa novamente, agora sem bicicleta e pergunta: — Oh, seu Geraldo! Eu brinquei contigo que seu time ganhou e você não falou nada? Por quê?

— Porque você não foi inteligente. E se não foi inteligente, foi mal-educado. — Como assim não fui inteligente? — Você não viu que eu estava conversando com a dona Amélia? — Não vi. — Pois é: quem não é inteligente não vê as coisas e aí é mal-educado.

— Eu não sou mal-educado! — É sim. — Não, não sou! — Já vi que você não sabe nem o que é educação. — Claro que eu sei!

— Não, não sabe! — Educação é ser legal. — Mas você não foi legal, e não foi legal por que não percebeu que eu e dona Amélia estávamos conversando, não foi legal por que interrompeu a nossa conversa.

— Não interrompi!

Senhor Geraldo olhou para ele e então André ficou calado. — Eu interrompi? Perguntou André. — Interrompeu. — O senhor então me desculpe. — Tudo bem, André. Você não percebeu. Agora, você tem de melhorar a sua inteligência. Caso contrário, fará muitas

coisas que são falta de educação. Quer continuar errando ou quer aprender com seu amigo flamenquista aqui? — Quere aprender.

— Educação é uma coisa muito fácil. Basta ter um pingote de Inteligência. É simples: educação é pensar no outro.

Por que é falta de educação você gritar com o outro? Buzinar sem parar, colocar a música muito alta? Porque você não está pensando no outro. Você está machucando o ouvido do outro.

Por que é falta de educação arrastar a cadeira em sala de aula, usar o celular ou fone de ouvido? — Que isso, seu Geraldo! Isso é falta de educação? — Claro! O professor está falando e você está fazendo barulho com a cadeira. Você não está atrapalhando ele? Então você não está pensando nele. Ele está falando contigo e você está no celular ou ouvindo com o fone. Você está roubando o tempo dele, e ele poderia estar na piscina ao invés de ficar falando contigo.

Quando você faz uma curva de repente na frente de um carro é falta de educação. — Por quê? — Porque você não pensou se o motorista poderia levar um susto, virar o volante e bater. E o motorista do carro a mesma coisa: quando ele dá uma fechada em você ele não está pensando em você. E tudo o mais: quando a gente joga o lixo no terreno do outro, você está dando trabalho para o outro, porque você não quer ter o trabalho de jogar no lugar certo,

quando pinta o muro da casa de um pobre velho mãe está pensando nele. Até quando deixa a torneira do chuveiro aberta para se ensaboar, você mãe está pensando no seu pai ou na sua mãe, que terão de trabalhar mais para pagar a conta d'água. Educação é pensar no outro, André. Dê isso.

— Caraca, seu Geraldo! Meu pai tá trabalhando mais por minha causa? Vou ficar mais esperto. Mas o resto eu não faço mãe.

— Muito bem, André. Agora se você pensa que meu Flamengo vai perder o brasileiro, está enganado. Quero ver seu Fluminense me pegar.

André riu e retroceou: — Vocês estão é com sorte!!

— Fica esperto, garoto! Tchau. — Tchau, seu Geraldo e desculpe aí. — Nada, você aprende rápido.

Nós duas temos fomes - inteligência no uso da tecnologia

Oi, Leda! — Oi, Jasmim. Tudo bem? — Tudo bem nada; me dei mal na prova de matemática. — Mas por quê? Você não estudou?

— Eu estudei. Não sei o que acontece. Por que nós duas estudamos e só você tira notas boas? — Tem alguma coisa aí, Jasmim. Alguma coisa tá errada. — Não tem nada errado. A gente

faz as mesmas coisas. Quer ver? — Já bem, vamos ver. — Olha, a gente está na escola juntas: eu e você. — É, mas quando a professora está explicando uma coisa importante, você está brincando com a Clarissa. Primeira coisa errada. — Ah, mas é só às vezes. Vamos continuar. Você usa fone de ouvido como eu.

— É, mas o que você está ouvindo aí? — Uma música de axé que eu adoro. E você? Então Leda tirou o fone de ouvido e colocou no ouvido de Jasmim. — Que isso, amiga! É aula de inglês.

— Pois é: eu não ouço música o tempo todo. Já que tenho o fone, no ônibus fico ouvindo um curso de inglês. E tem mais, na semana de provas eu não boto o fone nem ligo música em casa.

— Por quê? — Tenho medo de encontrar aquelas músicas que não saem da minha cabeça, sabe, aquelas que ficam martelando, você quer esquecer delas e não consegue... — Dei bem como é.

— Então. Uma vez estava numa prova de história e uma música não saia da minha cabeça e me dei mal.

— Que mais? — Que mais o que? — A gente fica na Internet o mesmo tempo. — Ah, há. E daí? — Daí como você é mais sabida do que eu? — Vamos ver: o que você aprendeu na Internet ontem?

— Como assim aprendi? — O que você aprendeu? — Não aprendi nada. Fiquei batendo papo com meus amigos. E você? — Eu também

bati pape com meus amigos, mas também aprendi a montar o cubo mágico e a tocar uma música no violão que eu goste muito. Essa é a diferença.

— Caramba, amiga. Então você estuda e aprende muito mais do que eu todos os dias!! — Minha mãe me ensinou o seguinte: todo dia que eu entrar na Internet eu tenho de aprender alguma coisa e dizer para ela. — Minha nessa! Se for assim sempre, quando eu tiver vinte anos, você será um gênio e eu serei uma imbecil? Se eu ficar ouvindo música o dia todo vou virar um jumento! — Imbecil nada, porque você agora sabe o que deve fazer, só não fará se não quiser. — Já, amiga. Então pode me passar esse curso de inglês para eu ouvir também? — Claro, Yasmim. Dá aqui seu celular... Esse negócio de Internet é bom, mas tem que saber usar. Outra coisa, se ficar muito com o fone de ouvido, vai ficar com problema de surdez. Então não bate muito alto nem fique muito tempo com isso ...

Não somos escravos da tecnologia. Ela é a nossa escrava, ela trabalha para a gente. A gente não é usada por ela. Não podemos ficar burras por causa da tecnologia. Devemos ficar mais sabidas com ela. Uma dica: antes de falar com os amigos na Internet, tire cinco minutos para aprender alguma coisa nova. Depois fale com eles. Beijo, amiga! — Beijo, beijo! Obrigada.

O menino virou homem - cooperação

— Filho, entem você fez oito anos. Você já ajuda a mamãe e o papai arrumando seu quarto. Mas você já está grandinho, então está na hora de aprender a arrumar a sua cama. A partir de hoje é você que arruma. Vamos lá, quero ver!

E Mário começou a esticar o lençol para um lado e para o outro. Quando terminou, a mãe disse: — Muito bem, filho! Ainda não está perfeita, mas você começou muito bem. Olha, estique mais um pouco aqui... e essa ponta aqui. Pronto. Amanhã será você sozinho, tá bem?

E Mário ficou todo orgulhoso, porque é difícil deixar a cama arrumadinha como a mãe faz. No dia seguinte, ele deixaria a cama perfeita.

— Mãe, o papai arruma a cama?

— Às vezes. Eu arrumo mais.

— Por quê?

— Em casa todos temos que dividir as tarefas, cada um faz uma coisa. Ele cuida do nosso carro, eu arrumo a cama, você estuda e agora arruma sua cama também. Todos trabalham.

— Mas você pode mexer no carro também?

— Pense! Eu prefiro arrumar a cama, porque mexendo no carro eu teria que pintar minhas unhas todos os dias e também não tenho força para trocar um pneu. Mas eu posso mexer no carro. E seu pai arruma a cama às vezes. Você não lembra no ano passado que o papai ficou em casa o ano todo e a mamãe foi trabalhar fora? Quem arrumava a casa e fazia a comida para você? O papai. É isso, meu filho: todos somos iguais. O importante é que todos têm de ajudar. Hoje a mamãe trabalha fora só enquanto você está na escola e trabalha em casa o resto do dia. E o papai trabalha fora o dia todo. Mas nós podemos trocar. O importante é que eu o papai ou a mamãe ficará com você quando você não estiver na escola.

— E eu posso ficar com a vovó?

Às vezes. Você tem que ficar mais com a gente, pois é nosso filho, nós colocamos você no mundo, então nós é que temos de cuidar de você, certo? É nossa responsabilidade. De mãe eu vou te ver só quando você acordar e quando for dormir. Sou sua mãe; eu que tenho de cuidar de você.

— E se você tiver que trabalhar o dia todo? — Eu tenho que dar um jeito, filho. Prefiro comer menos e ficar mais tempo contigo. E você quando crescer também. Você será um bom pai. Você e sua mulher têm que arrumar bastante tempo para ficar com seus filhos. Isso é família. É a melhor coisa do mundo, não é? — É, mãe.

– Amanhã posso lavar a louça, mamãe?

– Mas que beleza! Pode. Eu vou te ensinar. Mas lavar facas não. Só quando ficar mais velha, porque é perigoso.



O Banho - 1893 - Mary Stevenson Cassatt - Impressionismo

– Mãe, joga um pouco de bola comigo?

– Você fica me gel. – Obaaaaa!

Francisco é o maior - força

A professora de educação física disse: " - Hoje vamos fazer um campeonato para ver quem é o mais forte da turma, todo mundo, meninos e meninas. - Mas professora, como vamos jogar com as meninas? Os meninos são mais fortes!! Disse Gabriel

- Quem lhe disse isso? Elas podem ganhar, hein! - Ah, professora! Você diz isso por que é mulher. - Não mãe. Vocês verão quem é o mais forte.

A competição começará com uma corrida de um lado ao outro da quadra. Só ganharão pontos os três primeiros. Atenção, todos pisem na linha branca. Quando eu falar já. E a professora esperou todos se posicionarem na linha. - E um, e dois e três e já!

E começou a corrida.

E a turma do terceiro ano corria e corria, e um escorregava e um outro parecia que queria morder alguém. E outra rolava no chão

Chegaram juntinhos em primeiro lugar: a Vitória, o Rafael e o Francisco.

- Muito bem, pessoal. Esses três levaram a melhor na corrida. Agora a prova é a seguinte: tomem essa folha. Vocês têm aí cinco problemas de matemática. - Mas, professora! Falou Gabriel de

noivo. — Você não disse que era para ser o mais forte? — É. O que é mais difícil, o que exige maior esforço: você jogar bola durante quatro horas ou ficar lendo um livro ou estudando matemática durante quatro horas? Gabriel pensou um pouco, para ver se ele tinha alguma saída, mas não teve jeito. — É, professora, ficar quatro horas estudando matemática é muito mais difícil. — Então você tem de ter muita força para aguentar quatro horas estudando, certo? Quem estuda durante quatro horas é muito forte, não é? — É verdade, professora. Disse Gabriel. E toda a turma olhou para Vitória, a menina mais estudiosa da sala. E Vitória estufou o peito como se fosse uma tigresa.

— Então vamos. Quando eu falar já, todos começam juntos. Já!

Vinte minutos depois, Vitória, Francisco e Márcia levantaram as mãos quase ao mesmo tempo. Como quem ganhava eram os três primeiros novamente, eles levaram essa.

Bem, agora a prova final de força. Vocês estão vendo aqueles sacos de areia ali? Os três que conseguirem fazer o maior monte, o monte mais alto em um minuto, ganham. Atenção, preparar, já!

Depois de um minuto, a professora apitou e foram ver quais eram as três maiores pilhas de sacos de areia. Os sacos pesavam como uma mochila cheia de livros. Não foi fácil.

— E os vencedores dessa prova foram: Gabriel, Francisco e Tereza.

E a turma toda pulava, cada aluno torcendo por seu amigo. — E agora, professora? Quem é o mais forte?

Vamos ver... Na prova de corrida, foram Amanda, Rafael e Francisco. Na prova da força de atenção e estudo, concentração, força mental, foram: Vitória, Francisco e Márcia. E na prova dos sacos foram: Gabriel, Francisco e Tereza.

Então se Francisco ganhou três vezes, Vitória duas e os outros ganharam uma vez, Francisco é o mais forte. Eba! Parabéns!!!!

E todos levantaram Francisco como o grande campeão da força. O menino que fez mais força com os músculos e com a mente.

O senhor E De - lógica, visão consequente e planejamento

— Com licença. O senhor é o famoso filósofo "E De"? — Sim, sou eu. Falou um homem muito calmo que estava no banco da praça, em frente a um grande flamboyant. — Dizem que o senhor é muito sábio e que poderia me ajudar a resolver alguns problemas. — Que problemas você tem? — Não sei o que fazer, porque não sei o

que pode acontecer. O senhor me ajuda? — Sim. — Posso começar?
— Sim.

— O amanhã existe? — Claro. Vai chegar o amanhã. — Um dia vai fazer Sol? — Claro. Um dia vai fazer Sol. — E um dia vai chover? — Um dia vai chover. — O final do ano vai chegar?

— Claro, evidente que vai chegar. — E o final de outro ano e de outro ano? — Chegará. — Então eu farei dezesseis anos? — Fará dezesseis, fará vinte, trinta anos, fará cinquenta anos, fará setenta e quem sabe passará dos cem anos. De não fumar e cuidar da sua saúde. Nunca pegue um cigarro. Depois você não larga mais.

— E se eu não souber ler? — Não aprenderá e que os livros ensinam. — E se eu não aprender? — Não será um homem inteligente.

E se eu gastar o dinheirinho comprando chiclete? — Mais tarde você terá fome e não terá dinheiro para comprar o lanche. E na minha idade não terá mais dentes. Chiclete estraga os dentes e o estômago. Não exagere. Não coma muito.

— E se eu pegar aquele jornal que não é meu? — Você será um ladrão, porque quem rouba é ladrão.

— E se eu ajudar alguém? — Você vai se sentir muito feliz. — E se eu fizer uma coisa errada? — Você não vai se sentir bem.

- E se eu beber ou comer um negócio que eu não conheço?
- Pode ser veneno e você pode morrer. Melhor perguntar para sua mãe ou para o médico, que estudou muito isso e sabe muito mais do que eu.
- Vou pular aquele muro?
- E se tiver um cachorro gigante do outro lado do muro? E se tiver um buraco?
- E se você bater no cachorro? - Ele poderá me morder. E é feio machucar os animais.
- Se eu matar a lagartixa? - Ela não vai comer os mosquitos e os mosquitos te picarão.
- E se eu pisar no rabo do gato? Ele vai gritar au au?
- Não, o gato faz miau.
- E se brincarmos de pega-pega perto daquela velhinha? - A velhinha pode cair e quebrar a perna.
- E se eu falar de boca cheia? - Verei toda a comida que você está comendo. Que coisa nojenta.
- E se alguém ver eu tirando meleca do nariz? - Não achar que você é um porco. A gente só limpa o nariz no banheiro. - E se eu der um pum na sua cara? - Nessa, eu vou cair duro. Vou

saber tudo que está pedre dentro de você. Isso também só se faz no banheiro. Deixar os outros sentirem o seu fedor é não pensar nos outros. Educado é quem pensa nos outros.

— E se contarem para todo mundo o que eu fiz? — Você não vai ficar com vergonha?

— E se eu roubar? — O moço pode te bater, te matar ou você pode ser preso. — E se eu roubar e ninguém descobrir? — Sempre alguém descobre. — E se não descobrir? — É muito fácil descobrir. É só olhar para você. De você tem muito dinheiro e trabalha pouco, é porque está fazendo alguma coisa errada. É tão claro quanto o céu azul. E... você saberá. Você saberá que é um fracasso e uma pessoa de mal. Sempre alguém sabe.

— E se eu for legal? — Terá muitos amigos.

— E se eu não estudar? — Poderá repetir de ano ou depois não conseguirá entrar numa escola forte, de pessoas inteligentes. — E se isso acontecer? — Vai ter de estudar muito mais depois para ter um bom trabalho. — E se eu não tiver um bom trabalho?

— Ganhará pouco dinheiro e então não poderá comprar as coisas que gosta, como um jogo, uma bicicleta. E não poderá ajudar sua família.

— E se não for um cara legal? — Não terá amigos. — E se eu for brigão? — Um dia encontrará um cara mais brigão e você vai se machucar. Sempre tem alguém mais forte que a gente.

— E se eu for paciente? — Conseguirá ter muitos amigos, poderá ser um bom professor, poderá fazer muito trabalhos difíceis. — E se eu enfiar o dedo no seu olho? — Eu poderei ficar cego, sentirei muita dor, você poderá ser preso. Se eu for brigão, vou lhe dar um sapapo... E se eu não for um brigão, vou mandar te prender.

— E se chover? — Vai acabar a festa.

— E se eu estudar? — Vai ficar inteligente e ganhará mais dinheiro e poderá ajudar a sua família.

— E se eu não gostar de nenhum esporte? — Sua saúde ficará ruim e você morrerá mais cedo.

— E se eu gostar de estudar, mas não gostar de esporte?

— Ficarás inteligente, mas será fraco e doente. Morrerá cedo e não poderá ler mais livros.

— E se eu gostar de futebol, mas não gostar de estudar?

— Ficarás forte, mas será pobre e burro a vida toda. — E se eu for um craque de futebol? — Só uma pessoa dentro de um milhão consegue virar um craque de futebol.

— E se eu gostar de esporte e de estudar? — Será forte e inteligente, terá saúde e dinheiro.

— E se...? — Não! Agora você cria os próximos "e se" e você mesmo responde. Vamos lá. Comece! — E se eu não quiser? — Você não terá aprendido que os mais inteligentes perguntam sempre "e se" e buscam as respostas. Assim eles conseguem ser mais felizes.

— Está bem. E se eu pedir à Natália para mamear? — Não olhe para mim. Você pergunta e você mesmo responde. — Ela poderá dizer sim ou não. E se eu não perguntar? Ela nunca poderá dizer sim. — Vamos! Continue! Está indo bem. Eu quero ver dez perguntas e dez respostas!

O segredinho no futebol - desenvolvimento e uso da tecnologia

Beto e Alemão gostaram muito de futebol.

— E aí, Beto? O que vamos aprender hoje?

— Cara, eu tenho que aprender a fazer embaixadinhas. — Então tá. Vamos ver quem consegue fazer primeiro dez embaixadinhas?

— Já legal. Disse Beto.

E os dois começaram a tentar. Ficaram quase uma hora tentando. Mas nenhum dos dois conseguiu.

— Puxa, esse negócio é difícil, hein, Alemão? — Não é mole não, Bete! Vamos treinar bastante e conseguiremos. — É, tem que treinar. Ih, mas não poderei treinar muito, Alemão, porque viajarei com meus pais por uma semana. — Oba, então em conseguirei primeiro, há, há! — Então tá bom. Até lá. — Tchau!

Quando Bete voltou da viagem e encontrou com Alemão: — E aí, Alemão? Já está fazendo dez? — Quase! Já cheguei no site. — Passa a bola. Opa! Eu vi na Internet que era assim: dá um passo para a frente, joga o peso para a perna de trás, dobra um pouco as duas pernas... e um dois três quatro cinco... errei.

— Ei, cara! Você fez cinco logo de primeira. Que história é essa de Internet. — Na viagem, meu pai levou o computador. Eu perguntei para ele qual era o truque de fazer embaixadinhas. Ele me disse que não sabia, mas falou: — Por que não procuramos na Internet. Cui ele apertou uns botões e escreveu a palavra embaixadinha na tal da Internet. Então apareceu um vídeo de um cara ensinando os truques para fazer embaixadinhas. No vídeo ele também dizia que a gente tem que treinar, mas deu umas dicas boas. Deixe-me tentar de novo. Lá vai: um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez ONZE doze treze... Consegui! Consegui!

— Caramba, cara! Eu treinei a semana toda e você já conseguiu. — Meu pai que me ajudou. — Agora vamos aprender outro truque do futebol na Internet? — Vamos, Alemão. — Que tal: tipos de chute? — Beleza! Mas depois, tem que treinar. — Tem que treinar. No próximo jogo vamos dar um show. Vamos lá.

Minha avó vale ouro - inovação e empreendedorismo

— Oi, vó. — Oi, meu netinho. — Conta uma daquelas estórias para mim? — Conte. Qual que você quer? — Pode ser a do urso Tretrê e do canguru Dlaslá? — Não é Dlaslá. É Preblá. E também não é Tretrê. É Preprê. — Desculpe, vovó. Então é a do urso Preprê e do canguru Preblá. — Claro que eu conto. Felipe. Antes eu preciso colocar essas meias. Já muito frio. Essas meias são um problema.

E Felipe queria ouvir logo a estória e ficou olhando para a sua vó com o problema de botar as meias. Ela estava sentada num sofá e com uma meia na mão. Mas por que estava velhinha, era difícil abaixar até os pés. As mãos só chegavam perto do joelho. E ela tentava, fazia força, era um problema mesmo, como era difícil para ela. E tentava e tentava, chegava a ficar cansada.

— Oh, vovó, desculpe! Quer que eu ajude? — Oh, meu netinho, vou ficar muito feliz. — Deixa comigo! E Felipe pegou a meia, abriu e foi colocando, vestindo o pezinho da vovó, que era gordinha e ressecado. Até para ele era difícil, pois a meia estava apertada.

Nessa vovó! É difícil! — Eu sei que é, meu neto. — Você faz isso todo dia? — Quase todo dia. — Mas vovó, todo dia você tem que fazer essa força para vestir a meia? — É, meu neto. Na velhice a gente vai ficando enferrujada, como um brinquedo velho. — Não vovó, isso mãe está certa. Não posso ver minha avó fazer isso todo dia.

E Felipe parou e pensou um pouco, depois de ter colocado as duas meias na avó. — Não quero estória mais, vovó! — Mas por quê? — Não, a gente tem que resolver esse problema. — Como assim? — Não quero minha avó sofrer mais. Eu vou resolver isso. Até eu resolver isso, vovó, você me chama para colocar as suas meias. — Mas, mas...

E Felipe saiu correndo para o quarto. Quando chegou lá, ele pensou: — Não posso deixar minha avó assim, tenho que fazer alguma coisa! E Felipe ficou pensando e pensando... — Já sei: vou criar um negócio, vou inventar uma coisa para a minha avó não precisar se abaixar tanto para vestir as meias. Hum, e como será? Bem, qual é o problema? É abaixar. De ela mãe pode abaixar muito,

se as mãos dela só vão até o joelho... , alguma coisa tem de levar as meias até os seus pés... Pode ser um pau.

Então Felipe foi até a área da cozinha, pegou a varseura e pediu para a avó: — Ué, me empresta uma meia sua? — Para que quer uma meia minha? — É um segredo, um presente para a senhora. A avó sorriu e disse: — Pegue na primeira gaveta da cômoda da avó, no quarto. — Já. E Felipe saiu correndo, pegou um par de meias da avó e correu para o quarto.

Chegando lá, abriu as meias e colocou o cabo da varseura dentro de uma meia, com a varseura meio deitada, na posição horizontal. E então ele tentou colocar a meia no próprio pé, segurando o outro lado da varseura. Mas quando ele abaixou a varseura para chegar perto do pé, a meia caiu da varseura. — Ih, a meia cai. E agora? Preciso fazer alguma coisa para a meia não cair. E então ele criou um gancho de arame que segurava a meia no final do cabo da varseura. E a meia não caía mais. Mas quando ele tentou colocar, não dava, porque a boca da meia estava fechada e era difícil abrir com o pé. — Ih agora? Pensou Felipe. Então ele pensou e pensou e pensou mais um pouco. E ficou duas semanas assim. E todos os dias ajudava a sua avó a vestir as meias. Até que um dia ele disse para a avó: — Ueró, ache que consegui resolver o meu problema de botar as meias. Olhe só!

E Felipe mostrou a avó dois pedaços de madeira, cada um com um gancho na ponta. — É assim, vovó. Vamos colocar tudo isso em cima do sofá: você abre a boca da meia, coloca esse gancho desse pau aqui, por dentro dela. Assim. Agora coloca o outro gancho do outro pau também na boca da meia, só que do outro lado. Assim. Agora a senhora segura cada pau com uma mão, isso, e abre os braços. A boca da meia abriu. Agora leve a meia até perto do pé e não deixe fechar a boca da meia. Agora tente colocar! Isso! Gostou? — Meu neto, você é um inventor? Você resolveu o problema da vovó! Parabéns e muito obrigado, Felipe.

E sua avó deu-lhe um grande beijo e um abraço. E Felipe viu que tinha ajudado alguém, que sua avó nunca mais teria um problema ao calçar as meias. E viu como era bom melhorar a vida das pessoas. E então Felipe, começou a olhar para tudo, observar o que não estava bom e tentar melhorar as coisas. E viu que sua mochila de escola não fechava direito e tentou melhorar. Viu que sua mãe se queimava com uma panela que tinha o cabo pequeno quando fazia comida. Viu que seu pai não tinha um lugar para guardar as ferramentas. E Felipe não parou mais.

E se tornou uma pessoa que ajudava muitas pessoas e virou o maior inventor do Brasil.